



## O ANTI-INTELECTUALISMO DE DIÓGENES, O CÍNICO<sup>1</sup>

Jean-Marie Meilland

(Tradução: George Felipe Bernardes Barbosa Borges e Brenner Brunetto, Mestrandos em filosofia pela UFG)

**RESUMO:** A presente tradução traz do francês para o português um artigo luminoso de Jean-Marie Meilland, que busca dialogar com estudiosos, críticos e entusiastas do pensamento cínico, apontando alguns novos caminhos para repensarmos nossa recepção ao cinismo. Com muita leveza, vemos o texto projetar-se em um dos problemas mais indigestos para a escola cínica: o anti-intelectualismo. Podemos nos colocar algumas questões ao refletirmos sobre esse aspecto da filosofia de Diógenes, o Cínico: faz sentido falarmos de uma educação anti-intelectual? Há alguma forma de filosofar sem conceitos? Se sim, como fazemo-lo?

**PALAVRAS-CHAVE:** Diógenes. Cinismo. Anti-intelectualismo. Tradução.

**ABSTRACT:** The present translation brings from French to Portuguese a luminous article by Jean-Marie Meilland, who seeks to dialogue with scholars, critics and enthusiasts of cynical thinking, pointing out some new ways to rethink our reception of cynicism. Very lightly, we see the text projecting itself into one of the most indigestible problems for the cynical school: anti-intellectualism. We may ask ourselves some questions as we reflect on this aspect of Diogenes the Cynic's philosophy: does it make sense to speak of an anti-intellectual education? Is there any way to philosophize without concepts? If so, how do we do it?

**KEYWORDS:** Diogenes. Cynicism. Anti-intellectualism. Translation.

---

<sup>1</sup> Tradução do francês autorizada pela *Revue de théologie et de philosophie* e pelo autor Jean-Marie Meilland.

## Sobre o texto

Nossa tradução do francês traz com ineditismo o artigo brilhante de Jean-Marie Meilland, intitulado *L'Anti-intellectualism de Diogène le Cynique*, publicado pela *Revue de théologie et de philosophie*, volume 115, n.3, (1983), p. 233-246, para o *corpus* de estudo cínico brasileiro. Fruto de uma pesquisa monográfica, o texto conta com uma clareza cândida e colocações cirúrgicas, que nos ajudam a esclarecer um dos temas mais polêmicos encontrados por estudiosos e curiosos da filosofia de Diógenes de Sinope (404-323 a.C), a saber, o anti-intelectualismo.

Dentre as várias críticas feitas à escola cínica, uma se destaca: de que eles eram anti-intelectuais. Segundo Long, os cínicos eram acusados de “rejeitar toda cultura intelectual” (2007, p.32). Esses apontamentos, que vão desde a antiguidade com Varrão (116-27 a.C) à modernidade com Hegel (1770-1831), trazem consequências desconfortáveis para a escola, como o inevitável aspecto primitivista que se segue de uma postura anti-intelectual.

Tal acusação é grave para Diógenes e para a escola, porque os cínicos buscavam permanentemente o reencontro com a natureza, e essa natureza é essencialmente racional. Peter Sloterdijk, em sua obra *Crítica da Razão Cínica*, sugere em alguns momentos que esse descaso com a filosofia cínica é uma tentativa dos “filósofos sérios”<sup>2</sup> tentarem se distanciar dos racionalistas mais radicais da história do pensamento. O autor alemão chega a afirmar que os cínicos criaram um “Esclarecimento rudimentar” (2012, p. 154).

No entanto, os cínicos, ao buscarem esse reencontro com o que é próprio do homem, e ao fomentarem esse “esclarecimento”, operaram uma dicotomia entre a *phýsis* e o *nómos*, entre a natureza e a convenção. O que não era nenhuma novidade para a época, os sofistas da Atenas Clássica já faziam essa separação. Todavia, chama atenção o modo como Diógenes levou a sério a essa oposição, podendo ser um dos fatores que dão margem para a história da filosofia expurgar os cínicos do *hall* dos célebres pensadores da humanidade. Meilland ao longo do artigo explora muito bem

---

<sup>2</sup> Essa crítica é direcionada principalmente aos filósofos do idealismo alemão.

esse mote, tecendo ricos comentários sobre as anedotas<sup>3</sup> de Diógenes que chegaram até nós, criando uma coesão e um pensamento capaz de balizar as atitudes de Diógenes.

Como o texto não deixa nada a desejar sobre o assunto, neste primeiro momento ficaremos apenas com essas poucas observações. Acreditamos que elas são o suficiente para que o leitor menos familiarizado possa entender melhor com quem Meilland está dialogando neste texto.

### **Sobre a tradução**

A tradução não contém nenhuma nota de esclarecimento sobre a natureza do assunto que está sendo discutido. Entendemos que o texto se retroalimenta, isto é, cada frase e cada ideia colocada por Meilland é esclarecida da melhor maneira possível por ele próprio. No entanto, às vezes exploramos com uma profundidade maior alguns pontos centrais para o cinismo de modo geral e para que fique mais claro ao leitor o que está em jogo na discussão.

Outro aspecto que ressaltamos é que ao longo do texto aparece homeopaticamente o recurso do colchete, a fim de clarificar o sentido para o leitor, onde adicionamos pequenas asserções.

Colocamos em notas algumas palavras-chave do texto, para que, caso o leitor não se sinta confortável com a palavra utilizada em português, se volte ao idioma original do artigo e tenha liberdade para reinterpretar.

O texto contém várias citações que recordam as anedotas de Diógenes, afinal a filosofia cínica é construída através delas, por isso tivemos um cuidado especial. As traduções de citações das obras de Estobeu e Dio de Crisóstomo foram feitas diretamente do francês. As citações mais frequentes do texto são as do biógrafo Diógenes Laércio. Para tanto, quando Meilland o cita, utilizamos a tradução brasileira da Editora UnB (2008) para o cotejo.

Ainda sobre as citações, anunciamos que mantivemos as abreviações do texto original, com o (D.L.) remetendo ao Diógenes Laércio, (D.C) ao Dio de Crisóstomo e (St., Flor) ao Estobeu.

---

<sup>3</sup> As anedotas cínicas, conhecidas como *chreia*, são pequenas histórias que narram ações e/ou diálogos dos filósofos cínicos. As *chreiai* mais famosas são as de Diógenes de Sinope, muito por causa de sua capacidade de ser irreverente e crítico ao mesmo tempo. Apesar de não terem um relevante peso histórico, isto é, não há consenso se são verdadeiras ou não, elas são importantes para a reconstrução do pensamento da escola cínica, dado que os filósofos do Cinosarges nada escreveram.

Por fim, gostaríamos de reiterar os agradecimentos a *Revue de théologie et de philosophie*, na pessoa de Jean-Pierre Schneider, responsável pela revisão dos textos de filosofia e ao autor do artigo, Jean-Marie Meilland, por autorizar a publicação da tradução e pela confiança depositada em nós.

## TRADUÇÃO

*Para todos aqueles que, tendo a mente de um filósofo, mas não tendo tido a oportunidade de estudar filosofia universitária, às vezes são desprezados por certos técnicos de filosofia.*<sup>4</sup>

### Introdução

Diógenes de Laércio reporta que Diógenes, o Cínico, “sacrificou as leis pela natureza” (D.L. 6.71). Este comentário precioso constitui o melhor resumo da filosofia do homem de Sinope, que condena a lei, um protótipo do que é convencional<sup>5</sup> e artificial, e como tal, origem do infortúnio humano, e exalta a natureza<sup>6</sup>, como uma chave consistente para a felicidade. Agora, essa recusa da convenção, do artificial, ideia central do ensinamento de Diógenes, tem dois aspectos. Diógenes ataca a convenção não só no que tem de material: dinheiro, luxo, honras, mas também no que é possível chamar de manifestações espirituais, isto é, ciências, artes, leis e instituições de sociedades políticas, ritos de religiões em prática. Para ele, as produções de uma cultura desenvolvida são também uma forma de riqueza irreconciliável com a pobreza cínica. É deste segundo aspecto que o pequeno trabalho a seguir será tratado.

### A rejeição da riqueza espiritual

Para Diógenes, o luxo na cultura da mente é de fato tão censurável quanto o luxo na vida material, que lhe é paralelo. Este luxo espiritual é acusado de distrair o homem de sua natureza, o que equivale a torná-lo infeliz. É a recusa deste luxo na vida do espírito, que é o alicerce do anti-intelectualismo de Diógenes, que o leva a equiparar a filosofia e a vida, negando a conjunção entre filosofia e livros. Assim, a primeira expressão do anti-intelectualismo do cidadão de Sinope será sua rejeição da cultura escrita. A Hegesias, que lhe pediu um dos seus livros, ele respondeu: “Estás louco,

---

<sup>4</sup> N.T. O grifo pertence ao texto original.

<sup>5</sup> N.T. *Conventionnel*.

<sup>6</sup> N.T. *Nature*.

Hegesias, preferes os figos reais e não os figos pintados, porém deixas o exercício vivo para praticar o exercício escrito!” (D.L. 6.48). Na verdade, a filosofia escrita tende a separar o homem da preocupação com a ação concreta: ao contemplar o conteúdo dos livros, comparáveis aos figos pintados, uma reprodução da realidade, pode-se pensar que se dispensa a ação nos casos particulares cotidianos, comparáveis aos figos reais. Para Diógenes, o pensamento escrito é um engano, que preguiçosamente escolhe o texto em vez da dureza do real, dando poder às representações congeladas para que elas absorvam a densidade das coisas. Nesse espírito, todo o pensamento, imperativamente, deve fugir do refúgio dos livros e agir: um pensamento que não toma forma em atos, não só trai, mas morre por sua própria sua traição!

Como as ciências também estão se afastando da ação, Diógenes aborda-as com a mesma crítica: ele despreza a música, a geometria, a astronomia e as outras ciências (D.L. 6.73). Por força de proclamar a diferença entre a pureza do conhecimento altruísta e as imperfeições da vida cotidiana, os cientistas são híbridos estranhos, que, por um lado, vivem no reino da justiça e da verdade e, por outro lado, não parecem afetados por isso: e o que é irritante é que eles reservam toda sua astúcia para o que lhes é externo, enquanto eles próprios são completamente cegos para o que mais lhes diz respeito! Assim, os músicos afinam seus instrumentos sem afinar sua própria alma (D.L. 6.27 – 6.65 e 6.104) e os matemáticos examinam os segredos do universo, mas “esquecem o que têm sob os pés” (D.L. 6.28). O orgulho dos inventores é deslocado para se vangloriarem de ter desenvolvido um relógio que permite que todos jantem pontualmente! (D.L. 6.104). Do mesmo modo, os gramáticos comentam textos antigos sem tirar nenhuma lição para sua vida pessoal (D.L. 6.27) e os oradores falam tanto do bem sem o cuidado de praticá-lo (D.L. 6.28).

As mesmas queixas são feitas à filosofia platônica: o ensino de Platão é chamado por Diógenes de um “desperdício de tempo” (D.L. 6.24). Assim, a condenação não só atinge os livros, mas também se relaciona com certo uso dos conceitos. Diógenes Laércio relata: “Platão, falando de ideias, nomeou a mesidade e a tacidade”. “Eu consigo, Platão”, disse Diógenes, “ver o copo e a mesa, mas não vejo a mesidade e a tacidade”.” (D.L. 6.53). A refutação de Diógenes é simples e sem nuances. O que isso implica é a condenação de todo o pensamento que se afasta do concreto. Ele procede de uma oposição fundamental ao idealismo, isto é, no sentido de que começamos partindo de ideias para depois, então, chegarmos à realidade. Para Diógenes, o valor capital é, de fato, o concreto, porque é através do concreto que respeitamos a natureza. A filosofia

idealista é ruim porque separa do concreto o que importa, explicando-o através de algo diferente de si próprio, por ideias às quais ele [o idealista] dá um valor superior de maneira imerecida. Como consequência desse primado do concreto, uma vez que o concreto é singular, o filósofo de Sinope é, por outro lado, nominalista. Por fim, sua posição também é marcada por um empirismo radical, porque é através dos órgãos dos sentidos, e não através da especulação, que entramos em contato com o concreto. Para Diógenes, sem dúvida é possível: um conceito, uma ideia, tem valor somente se expressar o que foi visto, ouvido, tocado. Assim, para o filósofo que discursou sobre coisas celestiais, ele respondeu: “Desde quando vieste do céu?” (D.L. 6.39). No mesmo passo, o homem do barril quebra a lógica, incapaz de dizer o real. Aquele que usa o silogismo para provar que o homem tem chifres é o protótipo de alguém que quer trancar o universo na rede de seu pensamento: pescador irrisório, que nem através de todos os argumentos do mundo, nunca fará aparecer outro ser na imensidão do real! (D.L. 6.38). Da mesma forma, ao caminhar, Diógenes demonstra por ação que é inútil negar o movimento por meio da lógica (D.L. 6.39). Pode-se notar que o Cínico se abstém de refutar um argumento lógico por outro argumento lógico - diante do argumento lógico, ele afirma que só está pagando o argumento pela ação. Para a lógica que regula o real por raciocínios sem restrições, ele se opõe com a evidência sensível: ele toca sua testa para notar a ausência de chifres e desloca os músculos de suas pernas para sentir a presença indiscutível do movimento! O seguinte episódio denuncia a insuficiência de qualquer definição: “Platão definiu o homem como um animal como um bípede implume, e o público aprovou; entretanto, Diógenes trouxe um galo depenado e disse “Aqui está o homem, de acordo com Platão”” (D.L. 6.40). Que diferença entre a definição que queria circunscrever o homem e a realidade que entregalhe um pássaro! Aqui, novamente, Diógenes opõe o conceito ao objeto concreto: ao filósofo que identifica as coisas pelo pensamento, e espera poder reduzi-las, o cidadão de Sinope dá as coisas “em carne e osso”, e pede que se olhe para elas sem preconceitos, com os olhos do corpo. A história de Diógenes respondendo bruscamente Platão por lhe ter oferecido uma garrafa cheia de vinho, quando este lhe pediu apenas algumas gotas (D.L. 6.26) pode ser lida no mesmo sentido de uma acusação de que a filosofia idealista oferece mais do que lhe é exigida pela natureza: há uma espécie de excesso intelectual, onde os conceitos são múltiplos, sem necessidade, de acordo com a capacidade da invenção de seus promotores. Neste caso, a filosofia se torna entretenimento, no sentido pascaliano, e Diógenes nega vigorosamente o direito de

desviar as pessoas do essencial: que a filosofia idealista, como Platão, dá mais vinho do que lhe é pedido. Pare de responder ao amigo da sabedoria, que busca simplesmente o caminho da felicidade, com a estrada para tão longínquo reino das Ideias! Que o filósofo, que aspira apenas à conformidade com a natureza<sup>7</sup>, deixe de ser levado para as construções intelectuais, mais distantes em relação a ela!

Essa rejeição da ciência alia-se com Diógenes para uma certa recusa da arte: “Ele ficou surpreso com o fato de que as coisas mais preciosas estão se vendendo mais barato e vice-versa. Assim, pagamos três mil dracmas por uma estátua, e duas moedas de cobre por um quarto de farinha.”(D.L. 6.35). O conflito entre natureza e convenções artificiais é particularmente óbvio aqui. Verificou-se que o homem que abandonou a vida natural dá mais valor ao artificial, ao resultado da fabricação humana, do que aos produtos fornecidos pela natureza, que são mais necessários para ele. Esse fato, de acordo com Diógenes, mostra uma desordem total na hierarquia de valores, onde vemos o essencial sacrificado ao acessório. As estátuas são um sinal particularmente claro desse desvio. Através do adorno das estátuas, o homem está velando sua natureza. Destarte, uma cortesã que ergue uma estátua para a divindade, pensando assim, ocultar por meio de um objeto manufaturado sua falta de conduta contrária à simplicidade natural. Indignado com essa vontade de ser esquecido por obras estéticas compradas a preço de ouro, os cínicos gravarão sob a estátua esta inscrição: “Para a incontinência dos gregos”, a fim de significar que o produto da arte não pode substituir ação sincera (D.L. 6.60). Essa rejeição das convenções também segue a liberdade em relação às boas maneiras geralmente aceita: Diógenes se atreve a fazer, sem qualquer constrangimento, e mesmo publicamente, o que, segundo ele, está em conformidade com a natureza, ignorando as proibições, nos olhos dele infundadas, que os homens se impuseram, a partir de um acordo mútuo completamente anormal. A verdadeira indecência para ele é a vida contrária à natureza, mesmo que as leis humanas o permitam ou incentivem, e, por sua vez, a decência genuína é a obediência à simplicidade natural. É deste ponto de vista fundamental que devemos examinar a famosa indecência cínica<sup>8</sup>, considerada

<sup>7</sup> N.T. *La conformité à la nature*. Este trecho em particular é central para a compreensão do que está em jogo para a escola. Na antiguidade, ao contrário do que vem acontecendo, principalmente após a revolução científica, a natureza tinha um papel ativo, e não neutro. A vida que deve ser vivida em conformidade com a natureza (*kata physin*) desempenha dois papéis segundo Júlia Annas (1993, p. 137): 1) deveríamos tê-la em mente para levarmos em conta nossos aspectos naturais incontornáveis na deliberação ética; 2) a natureza aparece como um “ideal” a ser seguido, porque ela conserva potencialidades que devemos levar a cabo.

<sup>8</sup> N.T. *Indecence cynique*. A indecência cínica (*anaídeia*) é uma das formas de discurso que Diógenes encontrou para exprimir sua filosofia. Peter Sloterdijk chama essa categoria de “materialismo

como uma virtude importante e que, sem dúvida, foi uma das principais causas da reprovação que frequentemente envolveu a escola, e que a fez ser depreciada. A reivindicação de outra virtude primordial, a franqueza<sup>9</sup> em todas as circunstâncias, sem qualquer respeito pelos usos do que é e não é dito, vai na mesma direção: a palavra, de fato, foi naturalmente dada ao homem para dizer a verdade em todas as ocasiões, e a obrigação de alguém disfarçar o pensamento diante de tal pessoa ou em tal situação parece insana para o filósofo de Sinope. A rejeição da convenção ainda inclui as instituições sociais, como as castas e a política. A crítica da instituição política é revelada na indiferença de Diógenes aos grandes conquistadores, como o rei Alexandre, e na sua impiedosa acusação contra os tiranos. A natureza produz apenas indivíduos iguais na humanidade: portanto, não há base razoável para que alguns possam gozar de direitos exorbitantes sobre os outros (especialmente o de tirar sua liberdade). É apenas a convenção que institui esta anomalia, especialmente óbvia quando o indivíduo criado no poder é um tirano odioso (e às vezes estúpido), que merece menos do que qualquer outro a dignidade que lhe pertence! A rejeição da cultura supérflua pode finalmente ser assimilada à condenação de muitas práticas religiosas, descritas como supersticiosas: muitos ritos aparecem para Diógenes como convenções vazias, contrárias ao verdadeiro culto natural de Deus. Mas estes últimos pontos são apenas complementares ao nosso assunto e exigiriam, especialmente o último, um desenvolvimento mais amplo.

### **Uma educação anti-intelectualista**

O uso dos meios tradicionais de ensino, principalmente livros e palestras, teria contradito a inspiração primária da filosofia de Diógenes, levando-o a rejeitar o pensamento tradicional, com base em uma certa ideia de ciência, sem a consideração suficiente para a vida concreta. Assim, o cidadão de Sinope adotou uma nova maneira de filosofar: ele reconheceu a filosofia como sua vida diária. Ele próprio se tornou um livro vivo, mais impressionante do que qualquer livro acadêmico, e seu ensinamento se confundiu com sua existência cotidiana. Como resultado, ele ensinou através do

---

pantomímico” (2012, p.155), isto é, a arte de se expressar através de gestos. E o que Diógenes expressa exatamente? Tudo que convém à natureza humana, desde comer no mercado (prática repudiada entre os gregos) até ejacular durante uma luta de pancrácio.

<sup>9</sup> N.T. *Franchise*. Optamos por traduzir esse verbete como franqueza para sermos fieis ao texto original. Destacamos apenas que essa franqueza era um dos pilares do pensamento de Diógenes. Tal franqueza pode ser dividida em duas categorias: 1) a coragem de falar a verdade (*parrhesia*); 2) a coragem de agir genuinamente (*anaideia*), ligada à indecência cínica (C.f. nota anterior). Ambas conduzem o filósofo cínico até a liberdade (*eleutheria*). A liberdade, por sua vez é central porque está intimamente ligada com a virtude cínica mais respeitada: a autossuficiência (*autarkéia*).



exemplo. Viver como um mendigo, com um manto remendado e uma sacola velha era um ensino perpétuo da pobreza natural e, seus olhos eram mais convincentes do que qualquer longa dissertação que desenvolva as vantagens da vida sem riqueza! Constantemente jogando na cara dos poderosos seus traços mais mordazes, sem se preocupar com as possíveis represálias, sua vida foi um ensinamento contínuo de liberdade natural e tanto mais persuasivo do que um belo tratado cheio de fórmulas exaltantes! Mas, como o homem é naturalmente dotado à fala, e sendo grego, pertencente ao povo talhado ao discurso, Diógenes também recorreu a tal prática. No entanto, ele não imitava os grandes voos dos falantes. Diógenes Laércio apresenta-o em frases curtas, marcantes, às vezes interrogativas. Para o homem que julga Calístenes feliz por ser recebido por Alexandre, Diógenes simplesmente responde: “Não devemos antes ter pena dele, pois ele tem almoço e jantar quando agrada a Alexandre” (D.L. 6.45). Ele grita para aqueles que estão assustados com os sonhos: “Não se importas com o que vês no dia anterior, por que te preocupares com coisas imaginárias que te aparecem durante o sono?” (D.L. 6.43). Ele não quer usar de argumentos difíceis, acessíveis apenas a um público escolhido. Ele quer atacar a toda audiência, independentemente do seu nível de educação (e sua audiência, não devemos perder de vista, é a multidão de transeuntes de todas as condições, sendo a rua sua escola), com projeções curtas que são socraticamente destinadas a despertar os espíritos, para levá-los sempre ao mesmo lugar – a vida em conformidade com a natureza. Diógenes não quer imitar os palestrantes que se dedicam a uma devassidão de palavras inúteis, ao estabelecerem vinte desvios para dizer a verdade simples: a verdade ganha força quando as palavras, tão rápidas em trair, não vêm diluídas (a traição das palavras às vezes é tão grande que, não se contentando em adoçá-las, eles desfiguram completamente a verdade, tornando-a irreconhecível: aqui, falar pouco não é mais necessário para expressar da melhor maneira a verdade, mas para expressá-la sem cair na mentira)!

Em outras ocasiões, Diógenes ensina através de ações voltadas para surpreender: quando a atenção do público é adquirida, uma pequena frase, semelhante ao que foi descrito acima, é falada, dando o significado da ação. O conjunto inseparável da ação e seu breve comentário têm também como objetivo despertar os espíritos. Entre muitos exemplos, Diógenes Laércio diz que Diógenes, um dia, começou a cantarolar no meio de uma multidão que não se atentava às suas palavras (apostamos que essas palavras sem eco entre os apressados moradores da cidade não eram obscuras teorias, mas naquele dia, apesar de todas as origens de sua engenhosa vivacidade de espírito, o

filósofo não conseguiu salvar as pessoas da constrição de seus negócios!): os espectadores, então desconcertados, param para ouvi-lo, e Diógenes, dizendo-lhes que eles vieram por bobagem, mas não estavam interessados nas coisas importantes, os fizera perceber a sua frivolidade (D.L. 6.27). Ele entrou no teatro pela porta de saída, e comentou esse fato surpreendente, dizendo: “Tento fazer o oposto de todos em minha vida” (D.L. 6.64), assim, ensinando o desprezo às convenções. O famoso episódio da lanterna em plena luz do dia (D.L. 6.41) usa um processo idêntico: os concidadãos do filósofo, atônitos com sua conduta bizarra, quando Diógenes proclamou laconicamente que procurava um homem, são levados a perceber que, do ponto de vista da natureza, vivem mal sua humanidade, a desfiguram. Às vezes, a ação exemplar é suficiente, sem a necessidade de palavras: a quem a vergonha impediu de pegar de seu pão, Diógenes ensinou amarrando uma garrafa a um fio e arrastando-a no meio de uma zona tumultuada (D.L. 6.35).

Se Diógenes fala ou age, seu discurso e ação são imediatamente sinalizados por suas raízes no cotidiano: como consequência inevitável de um pensamento em que a ideia geral não tem valor, o nome concreto substitui ou reveste imediatamente o nome abstrato, para seu significado e objetivo se manifestar. Não há nenhuma continuidade, aos olhos de Diógenes, entre as verdades mais sublimes e a experiência mais comum: ele caracteriza a verdadeira filosofia ao compará-la com figos frescos (D. L. 6.48); o filósofo se descreve como um cão (por exemplo, DL, 6.55) ou como um dos mestres da música, “que cantam um tom mais alto para que os coristas consigam definir o tom certo” (D.L. 6.35). Em vez de afirmar o primado da prática sobre a teoria, Diógenes mergulha o discípulo na ação mais trivial desde o início: “Alguém queria estudar filosofia com ele. Diógenes convidou-o a segui-lo pelas ruas, arrastando um arenque<sup>10</sup>” (D.L. 6.36). Quem esperava a vertigem dos grandes princípios filosóficos recebe como comando um peixe! Que diferença, aparentemente! E a história diz que o discípulo, muito desconcertado, recusou o teste humilhante e, conseqüentemente, recusou a filosofia de Diógenes! Anedota admirável, que simboliza toda a abordagem do filósofo de Sinope, uma vez que faz entender que o complexo deve ser medido pelo simples, que a ideia deve ser medida pela ação, que o abstrato deve ser medido pelo concreto porque o complexo, a ideia, e o abstrato são apenas superestruturas, edifícios suspeitos servindo como álibis, que o homem também civilizado constrói sobre a pedra da realidade para

---

<sup>10</sup> N.T. Tipo de peixe encontrado em águas rasas.

esquecê-la melhor. Embora seja menos conveniente viver diretamente nas pedras, sem hesitação, o Cínico se coloca lá! Numa filosofia em que todos viajam por frutas, animais, ferramentas e terras, cotidianamente, o pensamento de Diógenes não tem mérito. Mas falaremos mais tarde sobre esse ponto, o de [sua filosofia] ser acessível a todos, incluindo esta multidão repleta de escravos, comerciantes e vagabundos deixados pelo intelectualismo grego, ocupados em cuidar da contemplação raríssima do pequeno número de sábios!

Deve-se notar que essas poucas frases, isoladas ou que acompanham a ação, muitas vezes são bem-humoradas: Diógenes teve que ser naturalmente efervescente com humor, e os fragmentos transmitidos por Diógenes Laércio, às vezes, parecem não ter outro objetivo além do prazer de uma boa história. No entanto, é questionável se qualquer humor, mesmo um que parece tão gratuito, não contém um grande ensinamento. De fato, aquele que é mais capaz de humor, entendeu a relatividade de muitas coisas e manteve apenas o essencial. Diógenes, ao se unir à natureza, pode considerar sem muita seriedade as vãs glórias, os poderes ilusórios e o conhecimento inútil de muitos homens. Diógenes, da posição firme onde adere apenas ao essencial, pode entregar à filosofia da complexidade um certo tom de honestidade: ele introduz o riso na filosofia como um dos seus componentes essenciais, porque a filosofia é idêntica à vida de acordo com a natureza, e a natureza, longe de proibir o riso, o produz! Nos olhos de Diógenes, o filósofo que não sabe rir se torna mau filósofo, abandonando a natureza em benefício das convenções: o pensador sério sacrifica a espontaneidade natural e torna-se brinquedo dos conceitos que ele próprio inventou, uma espécie de Pigmaleão<sup>11</sup>, um prisioneiro dos produtos de sua mente. Diógenes tinha dentes afiados e sua zombaria desenfreada perfurava aqueles a quem suas críticas eram direcionadas, especialmente os covardes, os vaidosos e os hipócritas. Ao lutador covarde que exercia medicina, Diógenes pergunta se ele procurava maneiras de matar seus vencedores (D.L. 6.62), ao passo que ele se senta perto do alvo para ter certeza de que o um arqueiro ruim não iria acertá-lo (D.L. 6.67); para os ímpios, que escreveram na porta de suas casas “não deixe que nenhum mal entre aqui!”, responde Diógenes rapidamente: “Mas e o dono da casa, por onde ele entrará?” (D.L. 6.39). O cidadão de Sinope tomou o trocadilho em seu tom mais alto, e a mordacidade de suas intervenções era baseada em

---

<sup>11</sup> N.T. Conta o poeta Ovídio que Pigmaleão era um escultor que produziu uma estátua tão bela, julgando-a ser a mulher ideal, se apaixonado assim, por sua criação. A deusa Vênus, comovida com a situação, teria dado vida a estátua.

seu uso constante: é assim que ele ensina os benefícios da mendicância, dizendo que quem está em necessidade são aqueles privados de uma sacola (ou seja, um dos sinais peculiares dos mendigos), e jogando na similaridade sonora das palavras gregas, necessidade e sacola (*anapèros*: necessitado – *péra*: sacola), que os franceses fortuitamente permitem preservar<sup>12</sup> (D.L. 6.33). Diógenes Laércio cita uma dúzia de jogos de palavras similares (por exemplo, em 6.24, 6.51, 6.52). O Cínico de Sinope evita frequentemente a exposição técnica relacionada à filosofia, em vez disso, recorre regularmente aos versos. Uma resposta que contém uma lição é muitas vezes cedida por Homero, o que pressupõe, por parte dele, um bom conhecimento da tradição poética grega, provavelmente adquirida em sua juventude. Por exemplo, ele adverte aquele que prepara um jantar abastado evocando a *Iliada* (“Vais morrer jovem, meu filho, se comprares muitas coisas”. §. IL, v. 40, 18, 95 – D.L. 6.53). Diógenes Laércio também se refere a Eurípides (D.L. 6.55). Talvez Diógenes pudesse compor versos que muitas vezes são imaginados com humor. Ele ainda ensina outra forma de relacionamento, que podemos usar através dos poetas, porque também se baseia em uma tradição: trata-se do uso de mitos, sujeitos a uma nova interpretação vinculada ao propósito moral contemplado pelo filósofo. Assim, Díon de Prusa<sup>13</sup> atribui a Diógenes várias novas interpretações de mitos antigos. Hércules torna-se o protótipo cínico, isto é, o verdadeiro filósofo, enfrentando sem medo o frio, o calor e a fome, resgatando os bons, atacando os ímpios, destruindo o luxo, frustrando as armadilhas do amor, ansioso para fazer apenas o bem e ignorar totalmente a opinião comum (D.C. 8. 30-36). Prometeu se torna a figura negativa do civilizador que desvia o homem da natureza (D.C. 6.25 e 29), e o sofista, cuja vaidade (ou seja, o estômago) aumenta sob a adulação do público e diminui quando as pessoas mudam de ideia (D.C. 8.33). Circe torna-se a representação do prazer artificial, que transforma os homens em animais (D.C. 8. 21-26). De acordo com Estobeu, Diógenes também concebeu Medeia de forma positiva: longe de ser uma bruxa, Medeia se torna a imagem do filósofo. Quando se diz que ferveu os corpos para renová-los, não queremos significar nada além do trabalho filosófico, que consiste em levar os homens suavizados pelo luxo e torná-los saudáveis novamente mediante aos

<sup>12</sup> N.T. Isso é uma honra do francês e grego que não contempla nosso idioma. Os termos em grego *anapèros* e *péra*, traduzidos para o idioma francês são respectivamente *estropié* e *besace*. “*Estropié*” pode ser traduzido como necessitado, coxo, inválido, aleijado. Enquanto ao “*besace*” pode ser traduzido como sacola, bolsa, mochila. Nas traduções em inglês também se usa corriqueiramente o termo carteira (*wallet*), todavia, ao encontramos a tradução na língua portuguesa de Diógenes Laércio nos deparamos com o termo “sacola”, e em honra à tradição já instalada, decidimos manter este termo.

<sup>13</sup> N.T Díon de Prusa é também conhecido como o filósofo Dio Crisóstomo, natural de Prusa.

exercícios: ginástica e banhos sudoríferos (St., Flor. 29.92). Laio e Édipo, por sua vez, são personificações da loucura daqueles que consultaram os oráculos antes de ter feito o esforço pessoal para se conhecerem, o que os expõe a mal interpretar as palavras da deidade (D.C. 10. 24-32). No mesmo lugar, Édipo já não aparece como o vencedor perspicaz da Esfinge, mas como o príncipe da ignorância, cuja situação é agravada pelo fato de tomar a si próprio como um homem sábio. A Esfinge, longe de segurar a chave para o conhecimento, não sabia nada, e a resposta que Édipo deu a ela é tola: a palavra “homem” não pode resolver realmente o enigma da condição humana, e Édipo, que pensou que o tinha resolvido com essa única palavra, quando, na verdade, não fazia ideia do que o homem era, fazendo apenas um sofisma oco, imaginando que as palavras poderiam esgotar a densidade da realidade. Assim, mudando o significado dos mitos para mudar sua própria vida e a dos outros, Diógenes procedeu a uma reinterpretação “atual”, de tradições que têm a vantagem de serem conhecidas por todos.

O filósofo do barril, no entanto, não rejeitou qualquer uso da lógica. Para justificar a mendicância, ele seguiu o seguinte raciocínio: “Tudo pertence aos deuses, mas os sábios são os amigos dos deuses, e entre amigos tudo é comum, então tudo pertence ao sábio.” (D.L. 6.37 e 72). Da mesma forma, ele não rejeitou todo uso das ciências naturais. Para apoiar sua oposição a toda espécie de tabu alimentar, ele explicou: “[...] em uma boa razão, tudo está em tudo e em todos os lugares. Há carne em pão e pão em ervas; e todos os outros corpos, através de condutos invisíveis, encontram-se com outros corpos, tomando forma de vapor [...]” (D.L. 6.73). Mas, desde o início, deve-se enfatizar que, para ele, a lógica e as ciências da natureza não são fins em si mesmos, mas apenas meios para incitar as ações concretas, meios que são, aliás, secundários em relação à fala cotidiana e ao exemplo. Para Diógenes, se a lógica e as ciências da natureza podem ajudar alguns, os cientistas, a quem a mensagem cínica, que não exclui ninguém, também se destina, são convidados a abraçar a vida autêntica, então podendo “usar” a lógica e as ciências da natureza. Mas o sinopense cuida de nunca confiar no raciocínio<sup>14</sup> para alcançar a verdade ou na ciência para dizer como o universo é. Para Diógenes, a verdade é sempre conhecida diretamente, intuitivamente, por um sentimento íntimo e uma espécie de instinto espiritual, antes de qualquer

---

<sup>14</sup> N.T. É interessante destacar este aspecto do cinismo. Peter Sloterdijk além de caracterizar o cinismo como uma filosofia ultra-racionalista, fala também em um tipo de materialismo dialético (2012, p. 156-160), assim os processos mentais de abstração ficam em segundo plano, para dizer o mínimo. Diógenes, ao propor essa abordagem se opõe principalmente ao filósofo Platão, que acreditava que os poucos homens que teriam acesso às formas do Bem, Belo e Justo, o teriam mediante a contemplação. O que soa absurdo para o Cínico: para Diógenes a vida deve ser vivida e não contemplada!

raciocínio; em relação ao universo material, este pode ser conhecido suficientemente através dos sentidos, dos quais o testemunho, por si só, é digno de fé.

Neste contexto de um ensino simples, destinado a levar os homens até a vida natural, desprovida de artificialidade, podemos reinserir uma abordagem da filosofia de Diógenes, a partir de um comentário de Diógenes Laércio (D.L. 6.29-31), o qual chamamos de pedagogia de Diógenes, o Cínico. Essas considerações fazem parte do famoso episódio dedicado à venda do filósofo, que teria sido comprado pelos Xeníades de Corinto, e feito dele seu escravo até sua morte, como educador de seus filhos e mordomo de sua casa. Este episódio, que Diógenes Laércio toma emprestado dos escritos de Menipo e Eubulo, ainda parece inconsistente com outras informações disponíveis sobre Diógenes. Se é possível que, em sua velhice, durante uma viagem, Diógenes tenha sido capturado por piratas e levado para Creta antes de ser comprado e trazido de volta para a cidade de Corinto, que era sua casa, é muito improvável que alguém, que tinha anteriormente firmemente morado dentro de um barril, tivesse traído tanto a pobreza e a liberdade escolhida, para encontrar ocupação e acomodações confortáveis de um homem rico: um Diógenes suave e assentado, mesmo em sua extrema idade e no estado de escravidão, é decididamente difícil de imaginar (escravizado, seria melhor vê-lo reivindicar um lugar no fundo do jardim para colocar um barril e viver lá livremente)! Mas podemos pensar que, se ele realmente tivesse instruído, Diógenes teria cumprido com a maioria das práticas citadas acima. Primeiro, diz-se que o exercício físico, sendo necessário, não deve formar atletas, mas apenas garantir boa saúde; este requisito está em harmonia com o elogio do exercício físico moderado, que proporciona saúde e força necessárias para a virtude, pois “o corpo também se preocupa com a alma” (D.L. 6.70) e, com as críticas igualmente dirigidas aos atletas, que exageram seus corpos e, portanto, contradizem a natureza (D.L. 6.49, D.C. 9). O texto indica que Diógenes ensinou aos filhos de seu dono numerosas passagens de poetas e prosadores, bem como trechos de seus próprios escritos; também é dito que Diógenes apresentou a eles “trechos de poetas, resumos científicos, além de escritos do próprio Diógenes, para tornar mais fácil de os alunos reterem” (D.L. 6.31). A observação feita sobre os escritos de Diógenes exige um parêntese: entre as opiniões divergentes relatadas por Diógenes Laércio quanto à produção literária do filósofo de Sinope, parece preferível adotar as posições de Sátiro e Sosícrates que afirmou que ele não escreveu nada. Esta posição parece estar mais de acordo com o viés anti-intelectualista de Diógenes e, também, por outro lado, é difícil concebê-lo como

escritor, a partir do momento em que ele viveu, sem qualquer comodidade, sob os pórticos dos templos, ou em um barril. Para retornar ao assunto, a aprendizagem dos escritores impostas aos alunos corresponde bem ao apego de Diógenes aos poetas, que são convocados de acordo com as circunstâncias para encontrar ensinamentos morais e mitos que podem ser reinterpretados a fim de servir como apoio no esforço da vida natural. Quanto aos resumos das diversas ciências, podemos relacioná-los com o uso que Diógenes faz da lógica e das ciências naturais, na medida em que poderiam mostrar o caminho para a ação: uma visão geral enciclopédica, com a condição de evitar as armadilhas da curiosidade, de fato, pode dar alguns pontos de apoio, algumas garantias, algumas satisfações que irão confortar e fortalecer às vezes na ação. E mesmo que Diógenes não escrevesse resumos para os estudantes jovens, é fácil imaginá-lo, após sua chegada em Atenas, ocupado, explorando os livros dos filósofos conhecidos em seu tempo e, sem o triste rigor, extrair aqui e ali, para sua orientação, as concepções úteis para a defesa de seu modo de vida. A preocupação de proporcionar uma instrução que os alunos se lembrem alia-se claramente, finalmente, ao desejo de eficiência do cidadão de Sinope: sua filosofia deve ter frutos, e esses frutos são os atos em conformidade com a natureza. A sequência desta pedagogia, ainda mais prática, visa aprender a ser autossuficiente, não ter necessidade de um servo, ficar satisfeito com comida simples e água, desprezar a vaidade, evitar conversas, endurecer-se. Todas essas condições estão bem alinhadas com Diógenes, lutando pela fidelidade à vida natural. Podemos dizer, portanto, que esta pedagogia, centrada na educação para a vida simples, teria sido a seguida pelo anti-intelectualista Diógenes, no caso, mesmo improvável, dele ter educado alguém.

### **Conclusão: o desafio do anti-intelectualismo de Diógenes**

Agora é tempo para concluirmos sobre o anti-intelectualismo de Diógenes. Um resumo rápido precederá a tentativa de definir o que está em jogo nesta noção, uma tentativa de descobrir a questão fundamental que nunca deixa de dirigir-se aos homens e aos filósofos, homens estes, muitas vezes inclinados a tomar uma determinada visão da filosofia, como pretexto para fugir da condição comum.

O final do capítulo que Diógenes Laércio dedica aos cínicos (D.L., 6,103-105) servirá como um fio condutor para a síntese a que primeiro procederemos. Na verdade, o que é atribuído aos cínicos em geral pode ser atribuído sem hesitação a cada um dos

seus três fundadores. A alcunha de anti-intelectualista parece, inicialmente, adequada para Diógenes, cuja filosofia foi identificada contendo uma certa atitude de vida. Esta opção para a filosofia, onde tudo remete ao comportamento, implica o primado da moral e a supressão da física, da lógica e da filosofia teórica. Diógenes, como já vimos, às vezes recorre a argumentos científicos, mas sem dar-lhes qualquer outro valor que o de estímulo à vida natural. Diógenes, sem dúvida, não teria repudiado a opinião atribuída a Antístenes, de que “as pessoas sensatas não deveriam aprender a ler e escrever, de modo a não serem corrompidas por outros” (D.L. 6.103). Essa piada extremista, no entanto, transmite a convicção de que a ciência é incapaz de dar sabedoria ao homem, podendo provocar até sua ruína; também expressa a convicção de que a filosofia de forma alguma depende da dimensão do conhecimento, e é acessível a todos os que têm a coragem de praticar a vida real. Esta vida real, por sua vez, consiste em uma vida simples e frugal, sem excesso de comida, caracterizada pelo uso de mantos, sacolas e bastões velhos. Esta vida é verdadeira porque é natural, e a vida natural é idêntica à virtude, que é o bem mais elevado, e que automaticamente acompanha a felicidade. Tal vida implica rejeição da riqueza, da nobreza e da glória; riquezas as quais, como tentamos demonstrar, a ciência e outros refinamentos culturais são apenas uma faceta espiritual. A riqueza deve ser rejeitada porque é fruto da convenção, e esta, se opondo à natureza, é contrária, portanto, à virtude e à felicidade. De acordo com a convicção de que a virtude pode ser ensinada, Diógenes se dedicou à “pregação” da vida natural, uma “pregação” que demonstrou ser fiel ao desprezo do artificial, consistindo em intervenções através de atos e palavras incisivas, emprestados a partir da linguagem popular. Desta forma, todos podem ser afetados pela provocação filosófica!

Esta extensão da filosofia em benefício de todos não é a invenção menos desconcertante de Diógenes e dos Cínicos. Ela está relacionada com o seu anti-intelectualismo, e a posição do filósofo de Sinope como defensor de tais ideias é boa, já que não tinha pátria e nem prestígio social, assim como nenhuma das consequências culturais e materiais que delas derivam. A reputação orgulhosa e amargurada que alguns se apressaram em atribuir a ele, de qualquer forma, é desmentida por este ardente desejo de comunicar a todos os outros o fruto de sua própria experiência. Diógenes Laércio afirma, além disso, que os cínicos amaram seu próximo (D.L. 6.105), e o filósofo de Sinope dizia que era necessário “estender a mão aos seus amigos, sem fechar os dedos” (D.L. 6.29). Por outro lado, há um Diógenes menos insensível à miséria do que se supõe; um Diógenes levado por um sopro de indignação contra o egoísmo dos ricos,



quando, vendo em carneiros de Megara carregados de lã e crianças nuas, exclama: “Em Megara é melhor ser um carneiro do que uma criança” (D.L. 6.41). Assim, a “pregação” de uma pobreza geral parece ser aliada, para ele, à rejeição de um mundo onde o luxo de alguns se baseia na miséria dos outros: a pobreza, natural e positiva, torna-se a cura para a miséria, um produto negativo o desarranjo das convenções. E quando ele traz para todos os marginais a mensagem da vida natural, “sem uma cidade, sem uma casa, sem uma pátria, um mendigo, um vagabundo, vivendo do dia a dia” (D.L. 6.38), assim como eles, Diógenes levanta uma grande reivindicação, e seu anti-intelectualismo projeta nada menos do que destronar aqueles que reclamam para si os primeiros lugares, em nome de uma inteligência superior, da qual achavam melhor dotada do que muitos outros. E, portanto, Platão e Diógenes são colocados cara a cara, trocando intensas acusações cheias de orgulho: enquanto Platão discerne no Cínico aquele orgulho de resistir a todas as instituições, cujo conhecimento, é o objeto de seu apreço, já Diógenes identifica no líder da Academia o orgulho de alguém que usa a inteligência para ter o poder de dominar a multidão de miseráveis, que só têm boa vontade para triunfar sob os obstáculos da existência.

Através de Diógenes e dos Cínicos, parece ser posta da forma mais radical do que nunca uma questão muito importante sobre a essência da filosofia. A saber: a filosofia deve ser apenas uma doutrina “estritamente destinada a filósofos e técnicos”, sendo o último termo aqui designando uma casta de especialistas? O ocidente opera um recorte: reconhecendo as necessidades humanas, sejam religiosas ou artísticas, quase sempre opta por uma orientação técnica, já que a filosofia não as satisfaz. Todavia, Diógenes e os Cínicos são, talvez, os únicos no ocidente a reivindicar a ocorrência de uma filosofia absolutamente sem técnica. Então, poderíamos argumentar que a filosofia sem técnica é identificada pelo senso comum mais ordinário como aquela que simplesmente repete, como os papagaios, uma miríade de preconceitos preguiçosos, não merecendo o bom nome da filosofia.

Mas essa acusação é infundada quando se destina a Diógenes e aos Cínicos: sua filosofia sem técnica de modo algum se rendeu à facilidade do comportamento das nações. Muito pelo contrário, ela oferece ao homem uma transformação completa de sua vida, exigindo um grande esforço e não tendo nada a ver com a mediocridade, que só pensa em preservar conquistas.

A filosofia não-técnica de Diógenes e dos Cínicos está igualmente preocupada, senão, ainda mais, em colocar a verdade acima de qualquer opinião e de qualquer

preconceito destrutivo, do que qualquer filosofia técnica. Sua natureza não-técnica consiste na recusa de vincular a filosofia à complexidade do processo científico e a dificuldade da linguagem que a tenciona. O resultado desse casamento entre filosofia e ciência é, obviamente, o exercício filosófico reservado para uma elite, o que não denota desvantagem, desde que a filosofia não seja uma especulação onde a vida só interessa indiretamente. Diógenes e os cínicos, por outro lado, esperam que a filosofia seja dirigida a todos (mesmo que todos, por falta de vontade, não respondam ao seu chamado); de fato, para eles, a filosofia é sobre a vida, e ninguém entre os seres humanos pode ser excluído. Diógenes nem sequer cogita tal assunto, e rejeita qualquer uso de meios técnicos (as exceções são tão acidentais que não podem ter consequências). Assim, ele introduziu a desordem na filosofia ocidental, uma instituição cultural tão segura de sua identidade, fundada no complicado percurso do pensamento sobre o pensamento, meditando abstratamente sobre a experiência. Fiel à missão estabelecida para si mesmo, isto é, alterar as perspectivas humanas como tinha alterado a moeda (D.L. 6.71), ele mudou a perspectiva da filosofia, revertendo os respectivos papéis de teoria e prática, colocando a ação em primeiro plano e deixando a especulação para bem depois, contrariamente à ordem usual, de um ramo que é tradicionalmente definido como reflexão sobre a vida: como seus concidadãos (com razão), que o tratam como um falsificador, bem os filósofos que o criticam amargamente (talvez com menos razão) por ter marcado o nome da filosofia em um empreendimento que, a seus olhos, é muito vil. Mas Diógenes teve sucessores ao longo da história, que afirmaram explicitamente sua influência ou a reconciliação com sua filosofia sem conhecerem o impulso que os inspiraram. Aqueles que pagam por essa licença são, de fato, difíceis de esquecer. É interessante notar, no entanto, que os filósofos profissionais que se fizeram de surdos, foram muitas vezes os monges cristãos, os eremitas da Alta Idade Média, os frades e os pedintes do século XIII, que, muitas vezes, indiretamente e sem saber, propagaram veementemente o rigor da ação e aperfeiçoamento diário de Diógenes de Sinope. Ao aproximá-lo das exigências do *Evangelho*, eles instilaram nele, é claro, um espírito totalmente novo, o amor e a total abertura, que nitidamente faltava na resistência cínica. Deve-se dizer que a convergência de certos traços (pobreza radical, ascetismo, uso de um traje distintivo...) da doutrina cínica e da Boa Nova Cristã não pode ser surpreendente quando percebemos a ênfase, a “harmonia” evangélica em certas palavras e atitudes de Diógenes (especialmente em sua atenção às crianças, aos pobres).

Mas a posteridade do espírito do homem do barril chamaria ainda outro trabalho essencial para terminar, deixado pelos velhos relatos que proclamam que as verdades mais elevadas são inseparáveis dos atos mais simples, relatos estes que a tranqüila República dos Livros não soube lidar! E este trabalho tem pelo menos o mérito de conduzir a uma simples ação diária, que pode aborrecer, mas será mais valiosa do que o habitual!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANNAS, Julia. *The Morality of Happiness*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- GOULET-CAZÉ, Marie-Odile & BRANHAM, R. B (org.). *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário G. Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.
- LOVEJOY, Arthur O. & BOAS, George. *Primitivism and Related Ideas in Antiquity*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1997.
- MALHERBE, A. J. *The Cynic Epistles: A study Edition*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1977.
- NAVIA, L. E. *Diógenes, o cínico*. Trad. João Miguel Moreira Auto. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.
- PINHEIRO, M, R. *Ascese cínica e a oposição Nómos e Phýsis*. O que nos faz pensar? PUC-Rio, v. 30, p. 239-252, 2011.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: volume III*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- SAYRE, Farrand. *The Greek Cynics*. London: Forgotten Books, 1948.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Trad. Marco Casanova, Paulo Soethe, Pedro Costa Rego, Mauricio Mendonça Cardozo e Ricardo Heindlmayer. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2012.